

O CASO LITERÁRIO DE NEDDA FALZOLGHER

Ir. Eivo Clemente

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Surgem casos extraordinários no campo da arte e das maravilhas de Deus entre os humanos. Um desses é, sem dúvida, Nedda Falzolgher, criatura angélica, poetisa, golpeada pela paralisia infantil aos cinco anos. Viverá até os 50 numa cadeira de rodas, louvando a Deus, praticando a arte da poesia, pois a vida é um hino de amor. Acompanharemos Nedda nos diversos pontos de sua vida: o seu itinerário humano e poético.

Vittoriano Espósito escreveu, em 1981 o livro: *Il caso letterario di Nedda Falzolgher* publicado em Roma, Edizioni dell'URBE. O Município de Trento também apresenta belíssimo trabalho: *Poesie e prose* de Nedda Falzolgher, desenhos originais de Remo Wolf, aparecido em 1978, vinte e dois anos após a morte da heróica poetisa.

1 – DADOS BIOGRÁFICOS

Nedda Falzolgher nasceu em Trento no dia 26 de fevereiro de 1906, de uma família de pequena burguesia do norte da Itália, naquele tempo sob o domínio da Áustria. O pai era pequeno comerciante; a mãe, oriunda de família de classe média com fina educação. Ao completar cinco anos foi atacada de poliomielite, que lhe prejudicou o desenvolvimento físico, no pequeno corpo atacado de paralisia deformante, cresceu, como flor de terra devastada, um belo rosto de linhas regulares, com olhos luminosos, laureado de louros cabelos. As suas faculdades mentais manter-se-ão perfeitas até o último momento.

A mãe ensinou-lhe a ler e a escrever, depois freqüentou a escola como pôde. Em 1930, outra pessoa participará da vida de Nedda até 1956: era a doméstica, mais do que irmã, cuidará dela em todas as circunstâncias.

Os pais na casa bastante confortável junto à margem do rio Ádige, foram-lhe a força e a energia para a vida.

Nedda ultrapassava a adolescência e revelou-se em si o dom da poesia e da literatura.

Aos poucos foi-se formando um pequeno cenáculo literário ao redor de Nedda.

Freqüentavam-lhe a casa: Luigi Bertoldi, mais tarde lançado na política, no partido socialista; Edda Albertini, que fará brilhante carreira no teatro; os poetas Raffaele Gadotti, Augusto Goio, Diego Gadler, Marco Pola, Arcadio Borgogno. Uma menção especial merece Franco Bertoldi, que teve o privilégio de entrar no coração de Nedda, tornando-se para ela símbolo do amor impossível.

O encontro com os amigos era a grande festa para Nedda, que se inteirava de tudo e de todos: a vida literária, a política, os acontecimentos históricos, a moda, etc.

Durante a guerra em 1943 após o bombardeio de Trento a família Falzolgher retirou-se para o campo, em Vigo de Meano. Aí Nedda conheceu a beleza e os encantos das pradarias, das colheitas, da vida dos trabalhadores da terra.

Morreu no dia 2 de março de 1956. Um ano após o seu falecimento foi publicada pelo pai, com o prefácio de Franco Bertoldi, *Il libro di Nil*, que recolhia o melhor que escrevera em verso e prosa.

Em 1937 já escrevera algumas páginas sob o título de *Libro de Nil*. Falando do seu mal assim escrevia:

"A menina Viveu.

E os outros a chamaram Nil, que quer dizer NADA.

Mas o seu espírito era tão forte que o sol a mirava nos olhos, e ela irradiava de alegria sem bater os cílios.

A mãe falava ao Senhor:

— Tu vês, Senhor, que esta cristurinha não é senão pulsar e ohar; que farei da sua Vida?

Deus disse: "Faze dela um ato de Amor".

E a vida toda de Nedda foi um contínuo ato de amor, realizado e expresso numa ardente comunhão com o próximo, com a natureza, com Deus."

Nedda escrevia o livro de Nil em 1937, tinha completado 31 anos, dos quais 25 vividos numa cadeira de rodas. Havia, pois, atravessado a adolescência e a juventude, as idades das fábulas, dos contos e das exaltações dos sonhos, numa condição de dor verdadeiramente incomparável: condenada ao exílio perpétuo de uma vida reduzida, mais ainda que Leopardi, a um "tronco" que só podia sentir e penar. E entretanto, em vez de esbravejar e amaldiçoar, teve a força de compreender e de amar. É esta a primeira novidade, essencialíssima, do "caso" Falzolgher.

Outra novidade, não menos fundamental, refere-se à vocação literária: e o descobrimento da poesia não como desabafo irracional das próprias dores, mas como purificação e sublimação pela mensagem de amor e pela "parola di fede".

É para crer, continua Vittoriano Espósito, que Nedda, embora de pleno conhecimento do próprio estado, não entendesse criar-se como a poesia um pretexto de evasão, nem um instrumento de autoconsolidação, nem vítima de uma vida destruída "em modo real e não fictício, sofreu a sua condição como mulher, sem vitimismos e sem titanismos, procurando atravessar com a luz, não só interior ou metafóricas, a escuridão de sua própria existência e de outros. Observai e percebei com que trepidação revelava o fascínio da criação poética:

"Se eu pudesse esperar, se eu pudesse crer que embora ignorado e incompleto e obscuro vive em mim um pequeno germe daquela pura arte que vive na luz; se eu pudesse sentir no meu coração a força de fazê-la florescer ainda que como uma doce e tímida flor, esta minha pérola preciosa, me parecia, então, que a vida pudesse ter sorrisos também para mim, e palpitações fundas e divinos amores pelas criaturas nascidas dentro de minha alma e alimentadas pela parte mais viva e dolorida desta alma. O arrecesso, porém, da minha vontade, mais a chama do meu entusiasmo, se todavia sobe alta e me faz vibrar toda, recaí depois em mim como um pobre botão despedaçado antes de florir. Todavia a vida é tão larga diante de mim e o meu coração tão cheio de sonhos! Dai-me a força de poder escrever, Senhor; fazei que eu possa fechar em mim e alimentá-la sempre da mais pura luz esta divina força, bela e indômita como um límpida fonte."

Nedda começou a escrever versos desde a primeira adolescência, mas somente na plena juventude a sua vocação pela poesia se delineou como irresistível urgência da alma. Não foi numerosa e abundante a sua produção; antes, dir-se-ia um pouco avara à sua

veia, não pela pobreza de inspiração mas antes pelo senso de auto-disciplina que é sempre severo nos poetas autênticos.

A produção poética de Nedda resume-se em alguns títulos que damos a seguir:

1 — Il libro di Nil, publicado pelo pai em 1957;

2 — Poesie e prose (1935-1952) livro publicado em edição de luxo pelo município de Trento, 1978;

3 — Estudo Crítico de Vittoriano Espósito sob o título — "Il caso letterario di Nedda Falzolgher, publicado em 1981.

No Il libro di Nil encontramos os preciosos subtítulos: Sulla terra piena di rose (1935-37); Ritmi dell'infinito (1937-39); Fin duve il polline cade (1937-49) onde se encontram os anseios de sua juventude; L'ora del tramonto (1950-52).

Alguns exemplos de poemas:

MARIA

Era Maria
come la pura luna che s'inarca
sulla dolcezza lenta delle dune.

E quando scese dalla soglia antica
per andare alla fonte
il cielo di oriente
si fece azzurro come la sua veste.
E sui capelli
l'anfora scintillò

Per le contrade chiare
era luce il suo viso.
Il pianto d'un fanciullo
brillò di riso,
una rama fiorì.

Chine al ciglio dell'acqua
dissero le compagne:
"Maria, stelo di giglio,
tu sei quella che attinge senza pena".

Ella in silenzio si chinò alla fonte.

Saliva la catena
alle sue lente mani.

De fontani bagliori
d'acque sepolte
l'ombra dei giorni alti veniva.

E Cristo morto le pesò sul cuore.

Sulla Terra Piena di Rose
(1935-1937)

Per questo ama la vita.

E soffre la bellissima povertà di questo amore che somiglia tanto ai fuochi accesi dai pastori fra poche erbe spente, lungo il fiume. Fiamme che non sai di che vivono, tanto la terra è nuda, eppure sono limpide e vanno alto.

Questa gioiosa passione senza pace e senza stanchezza, vissuta sul filo dell'acqua, nutrita lungo una strada di addii, è il solo bene di Nil; e ne nacquerò i suoi canti che sono canti d'amore.

Ora Nil li guarda negli occhi come fossero creature. Li riconosce: sono estremamente poveri ma vivi. Anche in loro il sole si specchia come in un brivido di pianto e ne trae fulgore di gioia.

Per questo chidone anch'essi di essere posti sulla terra per dire agli uomini una parola di fede.

Tu vedi, Signore, che queste mie creature non hanno che palpito e sguardo.
Che farò della loro vita?

Ancora Dio dice:

— Fanne un atto d'amore.

Il libro di Nil
29 marzo 1937

LONTANANZE

Come l'urlo sulla montagna, amore,
quando il vento dirada per le forre,
e la voce dilegua.

Come l'urlo sulla montagna
mentre la falce batte la pianura,
e si rovescia onda su onda il grano
contro il petto dei falciatori.

Quando il pene è diviso nella casa
e l'ombra della vetta è sulla porta
ma non penetra il cuore,
la sposa giovinetta versa il vino.

E si rialza l'urlo sulla montagna
sempre più lungo, amore;
sempre più breve.

Ritmi dell'infinito
(1937-1949)

TREGUA

A sera
una pietà lontana
diffuse pace nell'aria.

E l'intima stanchezza
addormì l'acqua e le rane
con silenzioso amore.

Sulle cose terrene
dall'ultimo tormento della luce
si aprì come un fiore il riposo.

E consolò gli uomini
dispersi come le pietre
lungo le strade spaccate dal sole.

Fin dove il proflino
cade (1937-1949)

FORESTE

Alberi alti, Signore,
e viene il vento e li diffonde.
Io ti prego per le fronde
che hanno l'anima in fiori.

Tu le tormenti e le perdi
nelle sere spaziate,
frechezze abbandonate
nell'onda di stelle crescenti.

Per quel dolore,
alla cuna del giorno
tempo di luce si aduna.

E sulla terra ascolta
qualcuno i vertici stormire;
e sente il sole venire
come fosse la prima volta.

Fin dove il proflino
cade (1937-1949)